

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009

EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO NOTURNO: um desafio para o pedagogo

Autora: Marilda Martins Torres¹

Orientador: Celso Davi Aoki²

Resumo

Este trabalho teve como objetivo conhecer as causas da evasão escolar no Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Cyríaco Russo – Ensino Médio e Normal, localizado em Bandeirantes – PR, a partir da visão dos diversos segmentos da comunidade escolar: alunos evadidos, pais, professores, pedagogos, gestores e equipe técnico-administrativa. Para a sua efetivação, foi realizado um levantamento, no período 2004/2009, das escolas estaduais do município. A evasão constatada foi de 26,05%, destacando-se os altos índices nas primeiras séries, 36,23%. No Colégio Estadual Cyríaco Russo, os resultados não diferiram muito, quais sejam, 26,90% e, nas primeiras séries, 38,52%. Para detectar e analisar as causas do problema foi aplicado um questionário aos diversos segmentos da escola e, a partir dos dados obtidos, buscou-se o apoio, a participação e o compromisso do coletivo escolar e segmentos da sociedade por meio de reuniões para apresentação, discussão e reflexão dos dados. As principais causas do referido fenômeno, em ordem decrescente, no colégio em questão foram: excesso de faltas, cansaço, dificuldade em conciliar trabalho e estudo, gravidez e necessidade de diversão. Assim, tornou-se possível a elaboração de um plano de ações a ser desenvolvido pelo coletivo escolar e segmentos da sociedade, a partir de 2011, com ênfase nas primeiras séries, objetivando a minimização dos índices de evasão. A ideia principal foi o compromisso com a permanência dos alunos na escola, de modo particular o aluno trabalhador, para que concluam com sucesso essa etapa de ensino de fundamental importância para a sua vida pessoal e profissional.

Palavras-chave: Evasão Escolar; Ensino Médio Noturno; Aluno Trabalhador; Compromisso; Permanência.

Abstract

This study aimed to acknowledge the causes of evasion at a night shift at Cyriaco Russo State School, located in Bandeirantes – state of Parana, from the views of various segments of the school community, which is composed by evaded students, parents, teachers, educators, managers and technical and administrative staff. For its effectiveness a survey was carried out in the period of 2004/2009 in some state schools of the city. The evasion was found to be 26.05%, which highlighted the high

1 Professora Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná, atuando no Colégio Estadual “Cyríaco Russo”, município de Bandeirantes.

2 Professor Mestre da Universidade Estadual do Norte do Paraná/UENP – Campus de Cornélio Procopio.

rates in the first school years, 36.23%. At the Cyriaco Russo State School the results did not differ greatly from the ones mentioned previously, that is, we found the overall 26.90% and for the first grades 38.52%. To detect and analyze the causes of the problem a questionnaire was applied to various segments of the school and from the data obtained we sought the support, participation and commitment of the school community and segments of society through meetings with the goal of presenting, discussing and reflecting on the data. The main causes of that phenomenon, which we refer to in order of importance and limited to this specific high school were the significant number of absences, tiredness, difficulty to balance work and study issues, pregnancy and leisure. Thus, it became possible to prepare an action plan which would be developed by the school community and segments of society starting from 2011, focusing on the first years of high school and aiming at minimizing the evasion rates. The core idea of our study was the commitment to the permanence of the student in school, specifically the working student, in order to conclude successfully his/her participation in the teaching and learning process which is deeply important for their personal and professional life.

Keywords: School Evasion; High School Night Shift; Working Student; Commitment; Permanence.

1 Introdução

Durante um longo período de experiência profissional como pedagoga no Colégio Estadual Cyriaco Russo – Ensino Médio e Normal nos períodos matutino e noturno, o alto índice de evasão escolar no Ensino Médio Noturno foi sempre motivo de preocupação e angústia. Mesmo sabendo das diferenças socioeconômicas e culturais existentes entre os alunos dos diversos turnos, a preocupação maior em relação ao período noturno tratava da existência de um número significativo de alunos trabalhadores e de camadas sociais menos favorecidas na escola. A maioria com extensa jornada de trabalho durante o dia, vindo muitas vezes direto para a escola. A implantação do programa da merenda escolar no ensino noturno foi um fator de relevância para a permanência do aluno na escola e efetivação do processo de ensino/aprendizagem. É fato que, além da jornada de trabalho, também outras condicionantes, intra e extraescolares participam decisivamente no processo de evasão: seletividade social da escola, dificuldades de aprendizagem, baixo rendimento escolar, conteúdos fora de suas realidades, avaliação discriminatória, dificuldade na relação professor/aluno, defasagem idade/série, horário de trabalho incompatível com o da escola, necessidade de cooperar no orçamento familiar, falta de motivação por parte da escola, da família e do próprio aluno em relação à

importância dos estudos, entre outras. Todas essas condicionantes, atreladas a problemas de ordem pessoal, engrossam a cada dia as estatísticas de evadidos.

Como participante do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, amadureceu a ideia e o compromisso do desenvolvimento de um Projeto de Intervenção Pedagógica voltado ao problema da evasão escolar no Colégio Estadual Cyríaco Russo, no período noturno. Utilizando como método a pesquisa-ação e a pesquisa de campo, realizou-se uma pesquisa, referente ao período 2004/2009, com as escolas estaduais que ofertam o ensino médio regular no período noturno no município de Bandeirantes – PR, buscando colher informações que proporcionassem maior embasamento. A finalidade desse trabalho, tendo como foco principal a realidade da referida escola, foi fundamentar, com os dados obtidos na pesquisa, a busca de apoio da comunidade escolar e de segmentos da sociedade para, coletivamente, encadear discussões, análises e reflexões sobre essa realidade específica, com o objetivo de elaboração de um plano de ação, visando à redução dos altos índices de evasão no período noturno.

2 Fundamentação Teórica

A educação brasileira, ao longo de sua trajetória, tem apresentado um quadro de bastante desigualdade em relação à “educação como um direito de todos”.

A Constituição Federal, em seu artigo 205, assegura que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, Art.205).

Analisando a realidade brasileira, percebe-se que esse direito não tem acontecido igualmente para todos.

Por um grande período, a educação esteve direcionada às elites, tendo apenas a burguesia acesso aos bens culturais. A ideia de que crianças das camadas mais pobres apresentavam muitas dificuldades, não avançando satisfatoriamente nos estudos foi um mito surgido em resposta à universalização do

ensino no Brasil. Somente na década de 1990, tendo o país ultrapassado a marca de 90% da população de 7 a 14 anos no Ensino Fundamental, hoje chegando a atingir esses índices 97,6%, possibilitou efetivamente a inclusão de crianças de famílias da classe trabalhadora na escola. Estando garantido o acesso e sendo o estudo um direito universal, cabia ao sistema oferecer um ensino de qualidade, visando à permanência de todos nas salas de aula, a fim de proporcionar as mesmas oportunidades, independente de seu contexto econômico e social. (REVISTA NOVA ESCOLA, março/2011).

De acordo com Silva, “a escola é, por excelência, o espaço da garantia da aprendizagem. Se o contexto social dos alunos não contribui, cabe a ela proporcionar as oportunidades necessárias.” (SILVA, 2011, p. 39, in REVISTA NOVA ESCOLA, março/2011, p. 39). Dessa forma, percebe-se claramente que a falta de oportunidades gerada conjuntamente pela família e escola tem provocado diferentes formas de exclusão, levando à evasão.

Sendo a evasão escolar um problema sério e ocupando ainda hoje posição histórica no panorama da educação nacional, continua presente no cotidiano das escolas, permeando todos os níveis e modalidades de ensino. Ao considerarmos o ensino noturno, o problema torna-se mais agravante, pois a escola recebe nesse turno um contingente de alunos trabalhadores e de classes menos favorecidas, mais propensos à evasão. Mesmo em pleno século XXI, pouco se avançou no sentido de sua erradicação. Para que isso ocorra, é fundamental que o problema em questão seja analisado na sua complexidade e dimensão, como ainda, pela história camuflada existente por detrás dele.

Estudos diversos e ampla literatura sobre o tema revelam que esse fenômeno ocorre a partir de inúmeros fatores. Segundo Freitag (1980), ao concentrar a seletividade do sistema educacional, ao mesmo tempo em que se proclama e se coloca a educação como direito e dever de todos os cidadãos. Costa (1994), ao abordar o fracasso escolar na escola pública, sob uma ótica específica: a patologização do fracasso, ou seja, o fracasso como um problema do indivíduo, como uma “patologia” ou, um “déficit” da criança, não se levando em consideração seus determinantes escolares, socioeconômicos, culturais e políticos. Patto (1996), ao tratar da evasão e reprovação na sociedade de classes, evidenciando uma intenção “velada” de abstenção, tanto do poder público, como da classe dominante, da culpa de ambas, pela negação do direito à educação e falta de acesso a outras

condições básicas de sobrevivência das camadas populares. Em Charlot (2000), ao retratar o “fracasso escolar” a partir da existência de alunos fracassados, ou, em situação de fracasso, ocupando apenas posição diferente em relação aos alunos em situação de êxito, sendo preciso a utilização de formas diferenciadas de trabalho para a superação do problema. Schargel & Smink (2002) ao analisar a evasão a partir da sua prevenção e ocorrência, apresentando a necessidade de uma visão antecipada do problema. Trabalhando com estratégias diversificadas por meio de parcerias e envolvimento da comunidade escolar e outros segmentos da sociedade, objetivam o resgate do aluno, antes mesmo da sua evasão. Para esses autores, “muitos dos remédios propostos atacam os sintomas, não as causas” (2002, p. 12). Cortela (2006) ao referir-se sobre o fracasso como um “pedagocídio” intencional ou não, manifestado pelo uso não-reflexivo e crítico dos livros didáticos, conteúdos totalmente abstratos e desintegrados, chegando a uma culpabilização do próprio aluno pelo seu fracasso. Também com Arroyo, ao afirmar que o

Fracasso escolar é uma expressão do fracasso social, dos complexos processos de reprodução da lógica e da política de exclusão que perpassa todas as instituições sociais e políticas, o Estado, os clubes, os hospitais, as fábricas, as igrejas, as escolas... Política de exclusão que não é exclusiva dos longos momentos autoritários, mas está incrustada nas instituições, inclusive naquelas que trazem em seu sentido e função a democratização de direitos como a saúde, a educação. (ARROYO, 2000, p. 34).

Essas instituições, detentoras de funções específicas e essenciais em relação à democratização dos direitos, a formação da cidadania, a saúde e o bem-estar social dos cidadãos têm deixado de realizar satisfatoriamente o seu trabalho, não avançando na sua superação. Ainda, para Arroyo (2000), essa política de exclusão continua viva e presente na nossa realidade.

Pensando-se em uma escola de boa qualidade para o aluno do ensino noturno, verifica-se que muitas mudanças precisam ocorrer. Mudanças que abrangem adequação de currículo, compromisso dos profissionais da educação, boa relação professor/aluno, utilização de metodologias diferenciadas, avaliação diversificada e comprometida. Avaliação no sentido de se detectar os problemas e as dificuldades para retomada de conteúdos, visando a uma aprendizagem efetiva. De acordo com Soares,

A avaliação, sob uma falsa aparência de neutralidade e de objetividade, é o

instrumento por excelência de que lança mão o sistema de ensino para o controle das oportunidades educacionais e para a dissimulação das desigualdades sociais, que ela oculta sob a fantasia de dom natural e do mérito individualmente conquistado. (SOARES, 1982, p.53).

Analisando pesquisas relacionadas ao sucesso escolar com crianças e jovens de meios populares, observam-se experiências bem sucedidas, apesar de sua origem, mas que geralmente os docentes recorrem à noção de dom. O fracasso dessas crianças e jovens, muitas vezes, é atribuído a problemas familiares, ou pessoais, mas que em alguns casos escapam a isso por serem bem dotadas. Para Charlot (2000) não existe “fracasso escolar”. O que existe são alunos com dificuldades de acompanhamento do ensino que lhes é oferecido, alunos que não conseguem adquirir saberes que supostamente deveriam dominar, alunos que não são capazes de construir determinadas competências, como também são deixados de serem orientados para a habilitação que desejariam ter, alunos que naufragam e reagem com condutas retrativas, condutas de desordem e agressão. Segundo o autor (2000, p. 16) "é o conjunto desses fenômenos, observáveis, comprovados, que a opinião, a mídia, os docentes agrupam sob o nome de ‘fracasso escolar’".

O que se nota é que alunos com experiência escolar em situação de fracasso carregam a marca da diferença e da falta, encontrando dificuldades em situações experienciadas, ou em orientações que lhes são postas, construindo quase sempre uma imagem negativa de si, ou, aceitando sua condição diferenciada, mesmo que de forma aparente, interiorizada. Geralmente, alunos e famílias são vistos como responsáveis pelo fracasso, quando o verdadeiro responsável é a própria sociedade, à medida que produz e reproduz as desigualdades, faltas e deficiências.

Assim pensando, torna-se viável um modelo de formação de identidade unitária que implique na percepção das diversidades do mundo moderno, levando-se em consideração a capacidade de pensar, refletir, compreender e agir sobre as determinações da vida social e produtiva, articulando trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana, de forma igualitária a todos os cidadãos. Sendo necessária a estruturação do ensino médio em consonância com o avanço do conhecimento científico e tecnológico, fazendo da cultura um componente geral, articulada com trabalho produtivo. Segundo Kuenzer, o Ensino Médio, dessa forma

concebido, poderá ter

O seu projeto pedagógico contemplando diferentes conteúdos em diferentes modalidades, para atender às especificidades de seus jovens alunos, diferentes e desiguais social e economicamente, sem que com isso comprometa o conceito de escola unitária. A unitariedade será assegurada pela sua finalidade, que expressa o compromisso com a igualdade de direitos, não como um atributo formal, assegurado pela legislação, mas como uma conquista real, processo histórico de destruição das desigualdades, que se dá através da atividade real dos homens, da qual a escola participa. (KUENZER, 2005, p.44).

Também, as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE), ao referenciar sobre os sujeitos da educação básica, evidenciam o crescimento significativo de alunos oriundos das classes populares para a escola, deixando claro que,

Um projeto educativo, nessa direção, precisa atender igualmente os sujeitos, seja qual for sua condição social e econômica, seu pertencimento étnico e cultural e às possíveis necessidades especiais para aprendizagem. Essas características devem ser tomadas como potencialidades para promover a aprendizagem dos conhecimentos que cabe à escola ensinar, para todos. (PARANÁ, 2008, p.15).

Portanto, o conhecimento da realidade de cada escola a partir do seu alunado e em cada turno é fundamental para que se possa intervir de modo a contribuir com a permanência desses jovens na escola, uma vez que,

O desconhecimento não assumido da realidade do “outro” autoriza percebê-lo “como eu quero”, para intervir sobre ele, transformando-o segundo a imagem e o horizonte que antecipadamente a minha boa consciência desenhou para ele através do “meu trabalho”. Através das ações planejadas pelo educador sobre um universo de vida e saber, cuja lógica e cujas razões sociais e simbólicas não só ele desconhece, como, na verdade, não quer conhecer. (BRANDÃO, 1986, p.13-14, apud COSTA, 1994, p.35).

Observa-se que a escola, instituição social responsável pela efetivação da “promoção da aprendizagem dos conhecimentos a todos e igualmente”, visando à construção da cidadania, tem deixado muito a desejar. Para que ela ocorra verdadeiramente é preciso atrelar **acesso x permanência x sucesso**, pois,

Do ponto de vista da democratização da escola, buscar qualidade significa assegurar a todos os alunos aprendizagens significativas, sintonizadas, em conteúdo e processo, com as demandas atuais, e não apenas tempo de escolaridade. A democracia implica equidade e a equidade exige qualidade. O saber deve estar entre os bens mais partilhados entre os membros de uma sociedade democrática. Assim, é fundamental promover oportunidades

de aprender, desenvolvendo estratégias igualitárias de acesso ao conhecimento, de forma que a escola não se limite a aproveitar somente os que têm, sabem e podem mais; aqueles que, pelo contexto em que vivem, pelos códigos de que dispõem e pelos instrumentos que mais facilmente adquirem, sempre aproveitam melhor as melhores experiências. O processo de construção da igualdade de oportunidades exige uma vigilância constante para que os excluídos da aprendizagem escolar possam ser cada vez mais incluídos no mundo do letramento, que permite, por sua vez, a construção e a ampliação dos saberes que abrem caminho para uma inserção efetiva na vida contemporânea. (PORTELA, MOURA e BASTOS, 2000, p.365).

Democratização do ensino significa compromisso com todos, especialmente com os “excluídos”, proporcionando-lhes o letramento, respeitando as suas individualidades, potencialidades, ritmos e progresso. Sendo importante a cooperação, o envolvimento e o comprometimento da escola, da família e do próprio aluno, através de um trabalho diferenciado, visando atingir o máximo de cada um, principalmente em relação ao processo de aquisição de conhecimentos, privilegiando a garantia de seus direitos. Torna-se imprescindível a participação de outros segmentos da sociedade para que o processo se solidifique e se concretize, pois a escola sozinha não consegue realizar a tarefa de educar. Educar no sentido amplo ultrapassa os muros da escola, exigindo a participação efetiva da sociedade. Em Rocha (s.d.) encontramos que a "educação deixou de ser um tema exclusivo dos trabalhadores da área para ser uma questão de interesse de toda a sociedade." À escola cabe, via educação formal, a transmissão dos conhecimentos construídos ao longo da história a todos os alunos, de forma significativa e abrangente, propiciando a ampliação de saberes e possibilidades de mudanças. No mesmo sentido, Gadotti (1995), observa que se a educação sozinha não consegue fazer a transformação social, também a transformação social não se efetivará sem a educação. Nem por isso torna-se impossível para a educação a realização do trabalho visando à transformação. Reforça o autor que, se a educação não é a alavanca da transformação social significa ser viável sua extensão além dos muros da escola, não se limitando a seu “campus”.

Também, pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) baseada nos dados populacionais da PNAD/2005 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) mostra que 34% dos jovens de 15 a 17 anos frequentam ainda o ensino fundamental, quando deveriam estar cursando o ensino médio e, dos jovens nesta faixa etária, 17% não estudam. Na faixa etária de 18 a 24 anos, esse

percentual aumenta, chegando a atingir 66%. Quanto à evasão escolar, a pesquisa aponta que os jovens que abandonaram a escola totalizaram 61,6%, sendo a causa principal em relação ao sexo masculino, a oportunidade de trabalho, 42,2%. Em relação ao sexo feminino, a causa maior está relacionada a gravidez, 21,1%. (Dados Ensino Médio Inovador - abril/2009).

3 Percorrendo o Caminho da Pesquisa

Para fins de implementação do projeto de intervenção pedagógica na escola, optou-se pela pesquisa de campo e pesquisa-ação, uma vez que envolve o pesquisador com o seu objeto de estudo, permitindo flexibilidade em relação aos procedimentos utilizados no transcorrer da pesquisa, possibilitando a retomada de prioridades e ajustes necessários. Para Franco

[...] a pesquisa-ação assume uma postura diferenciada diante do conhecimento, uma vez que busca, ao mesmo tempo, conhecer e intervir na realidade que pesquisa. Essa imbricação entre pesquisa e ação faz com que o pesquisador, inevitavelmente, faça parte do universo pesquisado, o que, de alguma forma, anula a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle das circunstâncias de pesquisa. (FRANCO, 2005, p.490).

Assim, no início de 2010 realizou-se a coleta de dados sobre a evasão escolar, juntamente às cinco escolas estaduais que ofertam o ensino médio regular noturno, do período 2004/2009, levando-se em consideração o número de matrículas realizadas, de alunos transferidos, evadidos, reprovados e concluintes.

Os dados coletados foram condensados conforme Tabela 1, representando as escolas pesquisadas, totalizando os dados da evasão escolar no Ensino Médio Noturno do Município de Bandeirantes, Estado do Paraná.

Série	Matrículas*		Transferidos		Evadidos		Reprovados		Concluintes	
	Orig.	Real	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1ª	1616	1402	214	13,24	508	36,23	213	15,19	681	48,57
2ª	1280	1126	154	12,03	256	22,73	158	14,03	712	63,23
3ª	1204	1122	82	6,81	187	16,67	85	7,57	850	75,75
Total	4100	3650	450	10,97	951	26,05	456	12,49	2243	61,45

*Original é o total de alunos matriculados no ano letivo. Real é o original subtraído os transferidos.

Tabela 1: Dados gerais de Evasão Escolar no Ensino Médio Noturno do Município de Bandeirantes, PR. Série histórica 2004 a 2009. Escolas estaduais.

Observa-se na Tabela 1 que os índices de evasão no Ensino Médio Noturno no Município de Bandeirantes são elevados, independente da localização da escola e nível socioeconômico-cultural dos alunos, totalizando no período pesquisado 26,05%, sendo mais agravantes nas primeiras séries, 36,23%. Porém, são também representativos nas demais séries, 22,73% nas segundas séries e 16,67% nas terceiras séries, evidenciando a necessidade de nova análise, revisão e discussão na busca de alternativas para a sua minimização. Esses índices indicam uma perda significativa de jovens do convívio escolar, o que facilita sua inserção no mundo da marginalização e delinquência.

Na Tabela 2 estão representados os dados do Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Cyríaco Russo – Ensino Médio e Normal, referentes ao mesmo período, tornando-se base para o desenvolvimento do projeto.

Ano	Série	Matrículas*		Transferidos		Evadidos		Reprovados		Concluintes	
		Orig.	Real	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
2004	1ª	156	123	33	21,15	34	27,64	27	21,95	62	50,41
	2ª	110	87	23	20,90	11	12,64	14	16,09	62	71,26
	3ª	120	107	13	10,83	21	19,63	07	6,54	79	73,83
Total		386	317	69	17,88	66	20,82	48	15,14	203	64,04
2005	1ª	116	107	09	7,76	45	42,05	13	12,15	49	45,79
	2ª	94	81	13	13,83	08	9,88	14	17,28	59	72,84
	3ª	119	113	06	5,04	10	8,85	15	13,27	88	77,87
Total		329	301	28	8,51	63	20,93	42	13,95	196	65,12
2006	1ª	119	104	15	12,61	43	41,35	19	18,27	42	40,38
	2ª	108	95	13	12,04	21	22,11	04	4,21	70	73,68
	3ª	111	101	10	9,01	24	23,76	07	6,93	70	69,31
Total		338	300	38	11,24	88	29,33	30	10,00	182	60,67
2007	1ª	111	90	21	18,92	37	41,11	15	16,67	38	42,22
	2ª	93	84	09	9,68	28	33,33	10	11,90	46	54,76
	3ª	130	118	12	9,23	22	18,64	17	14,41	79	66,95
Total		334	292	42	12,57	87	29,79	42	14,38	163	55,82
2008	1ª	98	90	08	8,16	23	25,55	23	25,55	44	48,89
	2ª	100	93	07	7,00	16	17,20	24	25,81	53	56,99
	3ª	109	107	02	1,83	21	19,63	13	12,15	73	68,22
Total		307	290	17	5,54	60	20,69	60	20,69	170	58,62

2009	1 ^a	108	96	12	11,11	53	55,21	02	2,08	41	42,71
	2 ^a	114	102	12	10,53	36	35,29	09	8,82	57	55,88
	3 ^a	114	105	09	7,89	32	30,48	01	0,95	72	68,57
Total		336	303	33	9,82	121	39,93	12	3,96	170	56,11
Total Geral		2030	1803	227	11,18	485	26,90	234	12,98	1084	60,12

*Original é o total de alunos matriculados no ano letivo. Real é o original subtraído os transferidos.

Tabela 2: Dados de Evasão Escolar no Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Cyriaco Russo, por série. Período 2004 a 2009.

Analisando a Tabela 2, observa-se um crescimento nos índices de evasão no decorrer dos anos pesquisados. Em 2004, apresentando uma evasão de 20,82%; em 2005, 20,93%; em 2006, 29,33%; em 2007, 29,79%; com uma redução de 9,10% em 2008, caindo para 20,69%, voltando a crescer significativamente no ano de 2009, um percentual de 19,24%, totalizando uma evasão de 39,93%. Sempre com um percentual maior de alunos evadidos nas primeiras séries, atingindo, em 2009, 55,21%, representando uma perda de mais da metade dos alunos, revelando esses dados ter sido atípico o ano de 2009 em relação aos índices de evasão. Um dos fatores que provavelmente possa ter contribuído para esse crescimento, refere-se ao funcionamento da Feira da Lua no município, evento que acontece nas proximidades do colégio, às quintas-feiras. Tal evento tem sido grande atrativo de lazer para os jovens, provocando muita dispersão. Coincidentemente, nesse dia da semana, a frequência é muito baixa, principalmente nas primeiras séries, e mesmo tendo ofertado a escola alternativas diversas, como: merenda diferenciada, som no horário do recreio, apresentação de grupo de capoeira, pouco se avançou na redução desses índices.

Os dados também sugerem a existência de problemas (lacunas) de aprendizagem dos alunos, ocorridos no decorrer das séries iniciais do ensino fundamental até a chegada no ensino médio. Problemas ligados à falta de pré-requisitos e considerados essenciais para a continuidade do trabalho. Diante da situação, procuram-se culpados, havendo a transferência de culpa em relação a essa lacuna. Percebe-se a dificuldade em se assumir o aluno no nível em que se encontra para resgate do não aprendido. À medida que esse trabalho deixa de ser realizado e o aluno não conseguindo acompanhar o processo ensino-aprendizagem, desiste e se evade. Já no decorrer das segundas e terceiras séries, os índices de evasão se reduzem, mesmo que em níveis ainda insatisfatórios. Acredita-se que

isso ocorre em virtude do aluno estar no meio do curso, possuindo uma visão mais ampla e mais clara em relação à importância e necessidade de sua conclusão. Encontrando-se na série intermediária, ou final, e “adaptado”, a perspectiva de conclusão é mais real.

Na Tabela 3 estão condensados os dados da Tabela 2, objetivando uma melhor visualização da totalidade da evasão no Ensino Médio Noturno do colégio em relação ao período pesquisado (2004/2009), por série. Os dados revelam índices de evasão de 38,52% nas primeiras séries; 22,14% nas segundas séries e, 19,97% nas terceiras séries, totalizando no período uma evasão de 26,90%, comparativamente proporcional à evasão ocorrida no município, 26,05%.

Série	Matrículas*		Transferidos		Evadidos		Reprovados		Concluintes	
	Orig.	Real	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1ª	708	610	98	13,84	235	38,52	99	16,23	276	45,25
2ª	619	542	77	12,44	120	22,14	75	13,84	347	64,02
3ª	703	651	52	7,40	130	19,97	60	9,22	461	70,81
Total	2030	1803	227	11,18	485	26,90	234	12,98	1084	60,12

*Original é o total de alunos matriculados no ano letivo. Real é o original subtraído os transferidos.

Tabela 3: Dados de Evasão Escolar no Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Cyríaco Russo. Série histórica 2004 a 2009.

O público escolar no ensino noturno é diferenciado, constituindo-se, na maioria, de alunos trabalhadores, apresentando características específicas em relação aos alunos do período diurno, principalmente quanto aos aspectos socioeconômico-culturais. Trabalham durante o dia e à noite vêm à escola. Com todos os problemas e dificuldades enfrentadas, mesmo chegando à escola em condições físicas e intelectuais precárias, colocam ainda em desafio o seu potencial, levando-nos também a um desafio mais profundo sobre a escola que os recebe. Segundo Caporalini (1991), faz-se necessário optar entre tratar o estudante trabalhador como um carente crônico que precisa ao mesmo tempo ser integrado, informado e alimentado como também ser educado de formas compensatórias e paliativas, ou tratá-lo como um cidadão trabalhador historicamente excluído dos direitos básicos que, por meio de uma educação de qualidade, poderá tomar consciência dessa exclusão, tornando-se capaz de se organizar na reivindicação de seus direitos. Para a autora, muitas vezes, a prática escolar na escola noturna,

sendo diferenciada negativamente, revela um ensino empobrecido, concorrendo para o aumento dos índices de evasão e repetência.

Não se trata de uma prática diferenciada no sentido de empobrecimento de conteúdos, mas, de uma prática de valorização desses alunos enquanto cidadãos trabalhadores por meio de uma aprendizagem significativa. À medida que a escola deixa de proporcionar essa aprendizagem, contribui de forma insatisfatória com o desenvolvimento e aperfeiçoamento intelectual e pessoal do aluno, que abandonará a escola, aumentando sua situação de desvantagem e engrossando as estatísticas de evadidos. Sem a conclusão do ensino médio fica mais difícil sua participação em concursos, o nível de salário no trabalho que realiza também é mais baixo, tornando-se muitas vezes, incapaz de subsidiar suas necessidades básicas e revoltando-se quase sempre com a situação. Portanto, faz-se necessária uma análise individual de cada aluno enquanto cidadão em relação aos seus direitos. Segundo Arpini,

[...] quando um adolescente é excluído do universo da escola, do trabalho, ele está, nesse momento, sendo incluído no espaço social da marginalidade e da delinquência. A forma como a sociedade organiza as relações torna difícil fugir-se dessa lógica. (ARPINI, 2003, p.54).

Também para Boneti (2003), os alunos que se evadem da escola são ao mesmo tempo os excluídos socialmente, sendo impossível a existência de uma exclusão fragmentada como a social, econômica, política e escolar. Seguindo seu pensamento, a exclusão, independente do tipo, compromete o indivíduo no seu papel de cidadão. Para o autor, o ser humano se torna cidadão à medida que participa de forma integral na sociedade.

Assim, para conhecimento da realidade específica do Colégio Estadual Cyríaco Russo, foram aplicados questionários aos diversos segmentos da comunidade escolar, objetivando o levantamento das causas da evasão dos alunos do ensino médio noturno, bem como a visão de cada segmento a respeito do assunto.

Selecionou-se uma amostra de 33 alunos evadidos em 2009 e rematriculados em 2010, englobando alunos das três séries. Dos questionários distribuídos houve um retorno de 100%. Em relação aos pais, foi selecionado como respondente a família do aluno, buscando o cruzamento de respostas. Dos 33 questionários entregues houve um retorno de 22, correspondendo a 67%. Também

foram distribuídos 27 questionários para professores, três para pedagogos, dois para gestores e quatro para a equipe técnico-administrativa. Desses, retornaram 15 de professores, 56%, e dos demais segmentos, 100%.

No levantamento dos alunos procurou-se relacionar dados pessoais, como: sexo, idade, série que cursa, se trabalha, tipo de trabalho, se registrado e quantas vezes já havia abandonado os estudos, bem como questões sobre as principais razões que os levaram a abandonar os estudos, relacionando-as **à escola, ao trabalho, à família e outras razões (diversas)**.

Foram 33 os alunos respondentes, sendo 18 (55%) do sexo masculino e 15 (45%) do sexo feminino. Quanto à faixa etária, 20 (61%) tinham entre 16 e 18 anos, 12 (36%) entre 19 e 22 anos e um (3%) com 38 anos. (Figura 1).

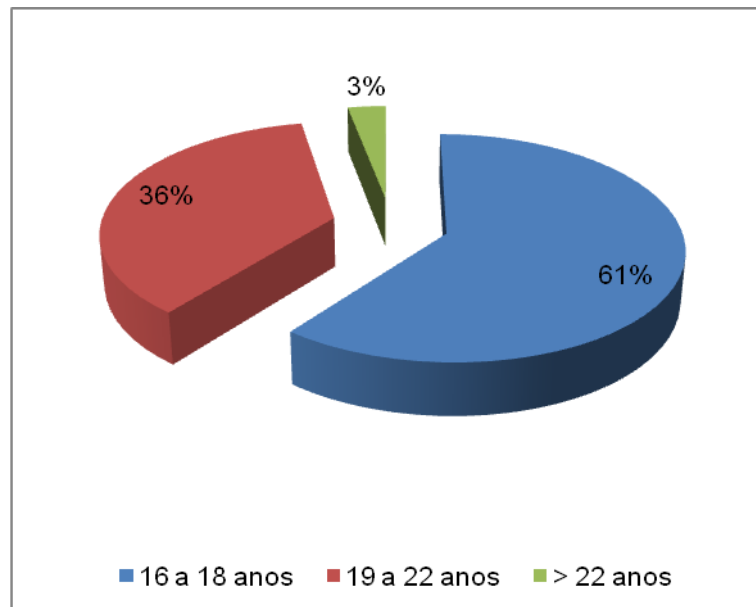


Figura 1: Faixa etária dos respondentes.

Do total, 15 (46%) estavam rematriculados na primeira série, 12 (36%) na segunda série e seis (18%) na terceira série. (Figura 2). Ainda, 21 (64%) abandonaram os estudos uma vez, oito (24%) duas vezes, três (9%) três vezes e um (3%) quatro vezes. (Figura 3).

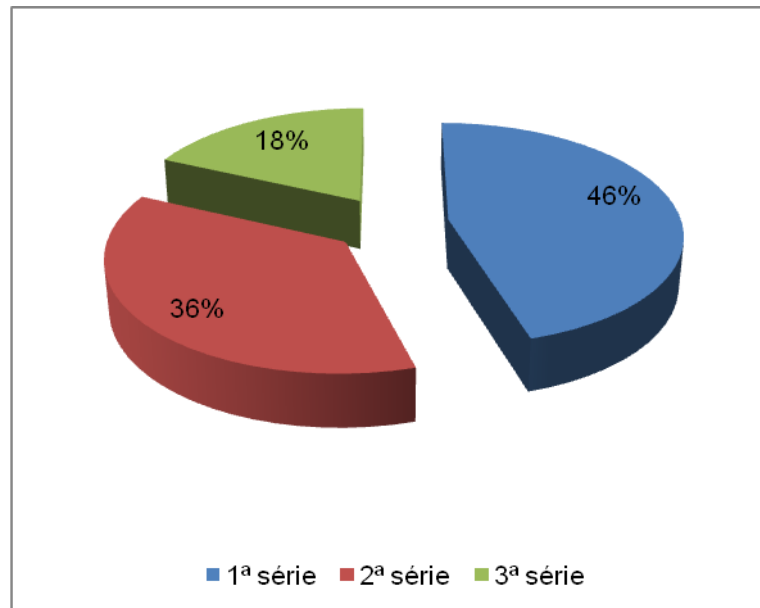


Figura 2: Alunos evadidos e rematriculados por série.

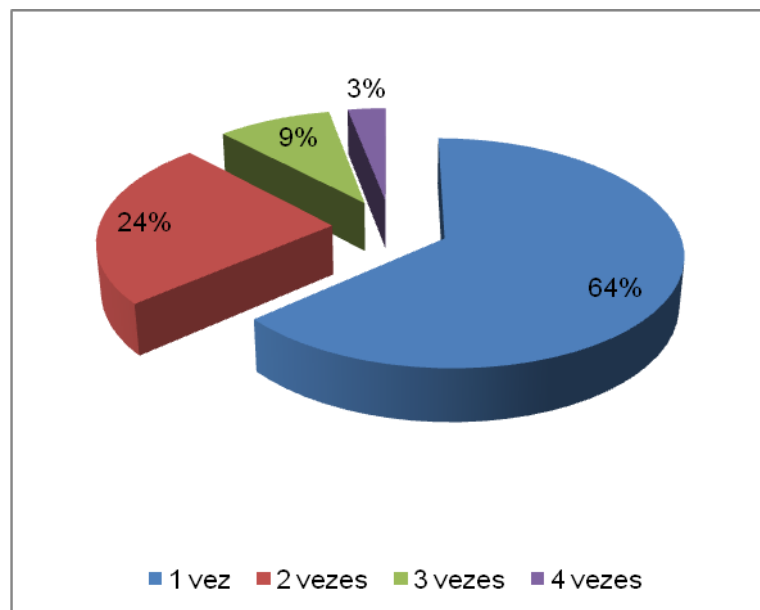


Figura 3: Número de vezes de abandono dos estudos.

Analisando a Figura 2, conclui-se que os alunos se rematriculam ano após ano na tentativa de término do curso, mas sempre abandonam a escola, como mostra a Figura 3.

De acordo com o pensamento de Arpini (2003), a escola, para muitos alunos, vai ficando em segundo plano, à medida que não são capazes de perceberem nenhum retorno proporcionado pelo estudo, nem quanto à utilização do aprendizado em sua vida futura, como ainda pela falta de perspectivas para

continuar estudando.

Do total de entrevistados (33 alunos), 20 (61%) estavam trabalhando; 12 sem carteira registrada, apenas oito com registro em carteira; oito (24%) encontravam-se desempregados e cinco (15%) nunca haviam trabalhado. (Figura 4).

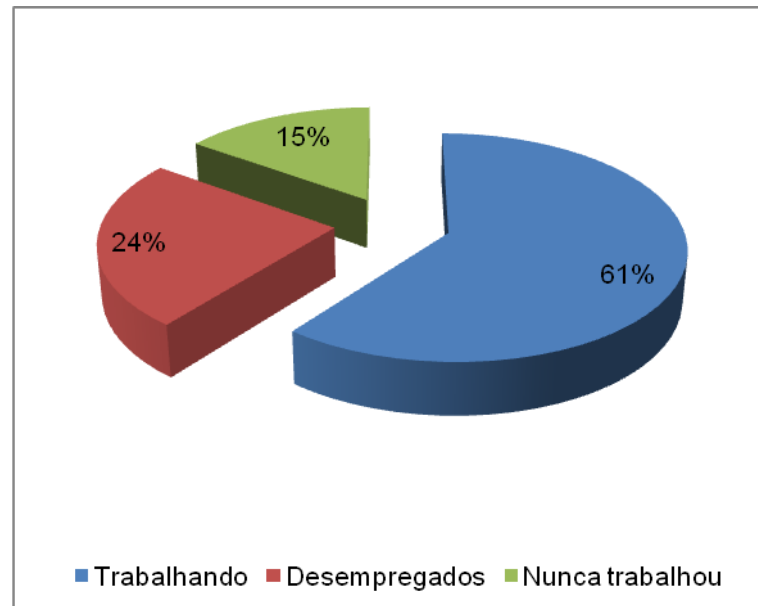


Figura 4: Situação referente a trabalho.

Conforme Figura 4, nota-se que a situação vivenciada pelos alunos em relação à questão de trabalho é complexa, evidenciando que 61% do universo pesquisado encontravam-se envolvidos com alguma forma de trabalho. O que demonstra claramente ser o trabalho a primeira causa, ou a mais importante, a afastar o aluno da escola. Considerando ainda os 24% de desempregados, o que significa que perderam o emprego, o que os arremete também para o mundo do trabalho, somam-se 85%, contra apenas 15% que nunca trabalharam. Sabe-se, subjetivamente, pela convivência diária, que o motivo mais forte que leva os jovens adolescentes, ou adolescentes jovens, a procurar o ensino noturno é a perspectiva ou a necessidade de entrar no mundo do trabalho.

Quanto às atividades desenvolvidas por esses alunos, são extremamente simples, exigindo baixa qualificação, estando empregados em supermercados como empacotadores, repositores de mercadorias, na pesagem de produtos, como balconista na padaria, em raras exceções como caixa. Ou ainda, como auxiliares em mecânica, ajudantes na construção civil, em indústrias, lanchonetes, auxiliares de cabeleireiros, manicures, domésticas e serviços de limpeza em geral. Somente um

aluno trabalhava como motorista. Os alunos desempregados estavam ansiosos na busca de um trabalho, independente do tipo. Segundo Arpini,

[...] o trabalho é valorizado, não importando, num primeiro momento, sua natureza ou as condições que oferece, pois é ele que possibilita ao sujeito as primeiras experiências como consumidor e uma certa autonomia em relação a seus gastos e às escolhas que são possíveis a partir de sua renda. (ARPINI, 2003, p.154).

A sociedade moderna, cuja expressão maior reflete-se na mídia, tem incutido fortemente em crianças e adolescentes, o consumismo, sendo a adolescência a fase em que gera maior inconformação e rebeldia. As famílias, diante das dificuldades socioeconômicas e culturais, impossibilitadas em propiciar aos filhos determinados sonhos de consumo e lazer, concordam facilmente com a sua inserção no mercado de trabalho mais cedo. Tais alunos passam, então, a frequentar o ensino noturno, e, não conseguindo conciliar trabalho e estudo, deixam a escola em segundo plano. Percebem-se situações em que a necessidade de participação no orçamento familiar fala mais alto que o sonho de consumo.

A Tabela 4 apresenta as diversas razões que levaram esses jovens a abandonar os estudos. Dentre as razões apresentadas, os alunos tinham a opção de escolher as que julgassem mais importantes, não se limitando a apenas uma alternativa.

	Razões que levaram ao abandono dos estudos	Nº de respostas	%
Relacionadas à escola	Não gostava de estudar	08	24
	Faltava às aulas	19	58
	Dificuldade em acompanhar as atividades escolares	05	15
	Foi suspenso	01	03
	Mudança de escola	01	03
Relacionadas ao trabalho	Dificuldade em conciliar trabalho e estudo	12	36
	Horário de trabalho incompatível com o da escola	03	09
	Cansaço	10	30
	Conseguiu emprego	01	03

Relacionadas à família	Ajudar no sustento da família	02	06
	Casamento	06	18
	Nascimento de filho	07	21
	Gravidez	06	18
Outras razões	Não considera o estudo importante	01	03
	Não acredita na melhoria da situação através do estudo	02	06
	Está satisfeito com a situação atual	01	03
	Diversão	06	18
	Abandono da escola pelos amigos	01	03
	Mudança de endereço da família	01	03
	Separação dos pais	02	06

Tabela 4: Razões que levaram o aluno a abandonar os estudos.

Assim, dentre as razões mencionadas, a de maior relevância, faltar muito às aulas (58%), tem justificativa na segunda e terceira, dificuldade em conciliar trabalho e estudo (36%) e cansaço (30%), respectivamente. Para o aluno trabalhador, fica mais difícil frequentar a escola, mantendo em dia os compromissos com o aprendizado. A jornada torna-se dupla, levando ao cansaço, ao desânimo, enfim, à falta de perspectivas e, então, à evasão. Mais uma vez, agora de forma indireta, o trabalho, ou a necessidade de trabalhar, aparece como fator preponderante. Trabalho e estudo acabam tornando-se um fardo pesado demais, encurtando o caminho para a exclusão da escola. Não é paradoxal que o trabalho, a princípio includente, abrindo caminho para o consumo, contribuindo para a melhoria da satisfação das necessidades básicas da família e do próprio indivíduo, pode ou dificulta sua inclusão futura, num patamar social mais alto, mais digno, mais cidadão. A evasão escolar pode significar a exclusão de suas possibilidades futuras. É a manifestação inequívoca do círculo vicioso, no sentido de que as camadas menos favorecidas da sociedade tendem a assim permanecer. E a escola, grande oportunidade de ascensão social no Brasil, quando não a única, vai ficando fora das possibilidades desses alunos, cumprindo-se assim o círculo vicioso.

Analisando a razão “não gostar de estudar” (24%), percebe-se que essa merece um trabalho mais efetivo por parte da escola, uma vez que, segundo Paro (s.d.), “a verdadeira motivação deve estar no próprio estudo que precisa ser

prazeroso e desejado pelo aluno”. O papel da escola deve ser o de levar o aluno a querer aprender, por meio de uma relação pedagógica sólida e permanente, para que o conhecimento possa ser apreendido pelo aluno e utilizado cotidianamente em sua vida.

As razões “gravidez” (18%) e “nascimento de filhos” (21%) têm influenciado decisivamente na evasão. Muitas vezes, essas alunas passam a ser discriminadas em virtude do problema. Para as adolescentes, torna-se difícil a associação das funções de maternidade e estudo, relacionando-se também com o mundo do trabalho, ainda que doméstico e na própria casa, mesmo recebendo apoio da família. Como mostra a pesquisa, o casamento ocorrido nessa fase, colabora com uma evasão de 18%.

Também, as razões “dificuldade em acompanhar as atividades escolares” (15%) e “horário de trabalho incompatível com o da escola” (9%) são significativas.

A razão “diversão” (18%) justifica-se pela falta de conscientização do próprio aluno de estabelecer uma programação para a sua vida diária. Parece muito impregnado na juventude atual, o que talvez já seja uma característica da sociedade moderna, viver o hoje o mais intensamente possível, e o amanhã “a gente resolve quando chegar”. Assim, na fase da vida em que se encontra, divertir-se é o mais importante, enfim, o lazer, é fortemente exercitado no período dos estudos. Fortemente, não no sentido de profundidade ou de qualidade, na maioria das vezes esse lazer é simples e até fútil, mas, fortemente no sentido de chegar a substituir o período escolar, levando às faltas. Sabe-se que estudar exige compromisso e responsabilidade e isso se torna difícil para quem não tem expectativas futuras. Também, a associação de algumas razões contribui para os altos índices de faltas, provocando uma lacuna na aprendizagem, dificultando o acompanhamento. Desestimulados para a continuidade dos estudos e não acreditando na possibilidade de reversão, evadem-se. Retornam no ano seguinte para uma nova tentativa, protelando sempre a conclusão do curso.

Arpini nos auxilia na compreensão das dificuldades dos alunos dizendo

Seus vínculos são frágeis e instáveis, e isso muitas vezes os leva a interromper o ano letivo, em função de tantos problemas, e a retornarem somente no ano seguinte, fato que tende a se repetir. Assim, essa forma de vida instável conduz a uma escolarização também muito instável e difícil de se cristalizar, de modo que a escola passa a ser dispensável, como tantas outras coisas em suas vidas. (ARPINI, 2003, p.164).

Numa outra visão, Alaminos (s.d.) relaciona a evasão escolar a fatores como preconceito, descumprimento tácito de leis e destino. Coloca que, em virtude de ser a maioria desses jovens oriundos de famílias pobres, a evasão pode estar relacionada a concepções ideológicas que minimizam a importância e necessidade da escola para quem possui diferenças em relação à normalidade e às expectativas vigentes. Assim, a evasão para esses jovens torna-se algo normal, rotineiro. Segundo a autora,

[...] se a educação assumir a ótica do oprimido ao exercer sua função emancipadora que visa à construção da autonomia do educando e, entendendo que a adolescência é o momento privilegiado para que isso aconteça, teremos como o melhor desfecho possível, tanto para o sujeito quanto para a sociedade, a permanência das pessoas na escola até o final da juventude. (ALAMINOS, s.d).

Quanto ao questionário aplicado aos pais e/ou responsáveis, tinha como objetivo conhecer o grau de parentesco, de instrução, se trabalha, tipo de trabalho, se possui registro em carteira, bem como 10 (dez) questões fechadas, envolvendo o tema em estudo.

Dos 22 questionários, 20 (91%) foram respondidos por mães, somente um (4,5%) pelo pai e um (4,5%) pela avó. Isso mostra de forma clara e objetiva uma presença efetiva da mãe no processo de escolarização e formação dos filhos. Mesmo com tarefas duplas, fora e dentro de casa, ainda são elas que mais incentivam os filhos em relação à importância e necessidade dos estudos visando a um futuro melhor. Na verdade, sabe-se que a família é um importantíssimo fator para a compreensão dos determinantes do rendimento escolar do aluno.

Sobre o nível de escolaridade dos pais, houve um equilíbrio entre os de ensino médio completo e ensino fundamental incompleto. 43% haviam concluído o Ensino Médio, trabalhando com registro em carteira e com funções diversas: vereador, agente operacional, serviços gerais, recepcionista e auxiliar de enfermagem. Desses, uma minoria não era registrada, tendo como funções diaristas e garçonetes. Outra parte do universo pesquisado, 43%, possuía o Ensino Fundamental Incompleto, alguns com registro em carteira, exercendo funções de domésticas, serviços de limpeza e manicure. 9% haviam concluído o Ensino Fundamental, com uma porcentagem atuando na lavoura como cortadora de cana, e

possuindo registro em carteira e outra porcentagem exercendo a profissão do lar. Uma amostra de 5% era analfabeta, executando trabalho doméstico e com registro em carteira. (Figura 5).

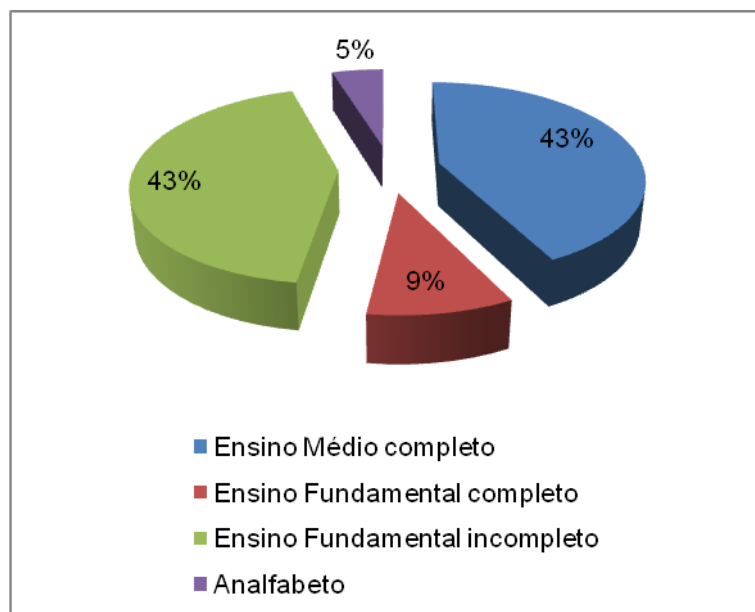


Figura 5: Escolaridade dos pais.

Dos questionamentos apresentados aos pais, 100% disseram acreditar ser a escola uma instituição importante para a educação e formação do filho e capaz de proporcionar-lhe um "futuro melhor". Também, a maioria, 83%, relatou sobre a importância da participação e acompanhamento da vida escolar do filho. Quanto à participação efetiva em reuniões relativas à escolaridade dos filhos, grande parte, 73%, afirmou ser participativa. Tal afirmativa parece contradizer a realidade, uma vez que poucos pais de alunos do ensino noturno comparecem às reuniões ou à escola para se notificarem do filho, mesmo estando a escola constantemente buscando o envolvimento e a participação desses. 100% dos respondentes disseram conversar com o filho sobre a importância dos estudos e permanência na escola, mas quando questionados se comunicam a escola no momento em que o filho a abandona, uma minoria afirmou tomar tal atitude, 27%. Acontece que, no ensino noturno, havendo um grande número de alunos maiores de idade, devido à defasagem idade/série, por mais que a escola fique atenta, se não houver um canal de comunicação efetivo entre escola e família, torna-se impossível um resultado satisfatório no controle da evasão. Questionados sobre acreditar no potencial do filho para os estudos, somente um pai, 5%, colocou perceber que o filho tem maior direcionamento para o

trabalho, mas afirmou conversar com o mesmo sobre a importância dos estudos. Sobre os filhos tomarem decisões sozinhos, em virtude de estarem matriculados no ensino noturno, a maioria (87%) disse que não. Em relação a exercerem influência de "mando" sobre o filho e este "obedecer", uma grande parte (64%) afirmou que é dessa forma que acontece. Percebeu-se aí, outra distorção nas respostas dos pais, já que muitos desses alunos iniciaram e abandonaram os estudos várias vezes, retardando a conclusão do curso, sendo que muitos deles ainda não o concluíram.

Para Schargel & Smink (2002), esse fato é bem preocupante, pois em pleno século XXI, a falta de um diploma de ensino médio é, na melhor das hipóteses, a garantia de um emprego menos qualificado, enquanto que na pior delas, o desemprego e a pobreza.

Questionados sobre os motivos que levaram os filhos a abandonar os estudos, disseram acreditar estarem relacionados à jornada de trabalho (55%), desinteresse (50%) e gravidez (40%). Nesse questionamento, os pais tinham a opção de escolher mais de uma alternativa. Assim, os motivos alinhados concordam com os citados pelos alunos.

Ainda segundo Schargel & Smink (2002), o mais preocupante atualmente é que mudanças significativas ocorridas nas estruturas familiares têm influenciado de forma direta a área educacional, e a escola não tem conseguindo dar conta de todos os problemas que nela desembocam, ficando muitas vezes em segundo plano sua função maior: ensinar a todos com qualidade.

Os questionários aplicados aos professores, pedagogos, gestores e equipe técnico-administrativa buscaram explicitar a visão desses segmentos em relação ao problema. Após análise, concluiu-se convergência nas respostas.

Quanto aos motivos que julgaram interferir na interrupção dos estudos, a classificação das respostas, em ordem decrescente de prioridade foi: trabalho; cansaço; desinteresse; defasagem ensino/aprendizagem; dificuldades de aprendizagem; falta de perspectivas futuras; relação professor/aluno; má companhia; problemas familiares, doença e gravidez na adolescência.

Em relação ao atendimento às necessidades dos alunos matriculados especificamente no ensino noturno, afirmaram dispensar aos mesmos atendimento satisfatório, proporcionado por meio de um trabalho diferenciado, devido à sua condição de aluno trabalhador, mas que apresentam defasagem de aprendizagem como também defasagem idade/série. Afirmaram, ainda, a necessidade de um

melhor relacionamento professor/aluno e maior incentivo aos alunos, buscando no trabalho coletivo uma melhor qualidade da aprendizagem.

Sobre as dificuldades percebidas quanto à frequência, permanência e aproveitamento relataram que, em se tratando da frequência, os alunos se atrasam ou faltam muito às aulas alegando trabalho e cansaço, mas, priorizando, muitas vezes, a participação em eventos que ocorrem na cidade, ao invés da presença em sala de aula. Quanto à permanência, disseram tornar-se difícil devido ao cansaço do trabalho diário, dos atrasos às aulas, da perda de conteúdos, da defasagem de aprendizagem, das notas baixas, da falta de apoio do professor, da falta de estrutura familiar, de aulas pouco motivadoras, da apatia do aluno sem perspectivas futuras, como ainda, dificuldades de acompanhamento do conteúdo, da falta de concentração e de interesse. Em relação ao aproveitamento consideraram baixo, sendo o mínimo necessário para a obtenção da média, afirmando a falta de embasamento anterior (pré-requisito), o cansaço, o sono e as dificuldades de aprendizagem. Também o grande número de faltas, a inviabilidade de realizar tarefas fora do horário escolar, atrelado ao baixo desempenho do aluno e, algumas vezes, do professor, interfere no baixo índice de aproveitamento e consequente evasão.

Questionados sobre a responsabilidade da família em relação à evasão escolar dos filhos, disseram ter sim esta sua parcela de culpa, à medida que não prioriza a educação e não notifica a escola dos motivos da ausência frequente, como ainda ao não se posicionar no sentido de manter o filho na escola.

Quanto ao aluno do ensino médio noturno ser responsabilizado pelo seu fracasso escolar, seguido da evasão, a maioria o considera responsável, uma vez que desiste diante do “primeiro obstáculo”. Acrescentando que, se o aluno é trabalhador com carga horária exaustiva, morando distante da escola e não conseguindo fazer uso do transporte escolar; se por razões várias e alheias à sua vontade, não obteve sucesso, não pode ser responsabilizado. No entanto, se o aluno não tem o perfil acima e age de forma irresponsável em relação à escola, este sim pode ser responsabilizado. Quanto aos jovens adolescentes menores, tanto a família quanto a escola devem buscar meios para evitar a evasão.

Em relação à escola, instituição social cujo objetivo principal relaciona-se ao processo ensino/aprendizagem, ser responsabilizada pela evasão, afirmaram ter sua parcela de culpa, ocorrendo à medida que deixa de cumprir o seu papel social, não

propiciando as condições mínimas necessárias para que o aluno permaneça no sistema. O ensino precário, atrelado às dificuldades de aprendizagem, é responsável pela evasão. Estando geralmente a escola melhor preparada para receber alunos com facilidade de aprendizagem e gosto pelo estudo, os que vêm por “obrigação” não têm sido suficientemente estimulados para prosseguimento nos estudos. A escola deve ter como meta a permanência dos alunos, independente de suas dificuldades; do contrário, não justifica sua existência.

Em relação ao sistema de ensino por blocos de disciplinas, implantado no colégio em 2010, visando à permanência do aluno na escola, acreditaram ser esse o objetivo principal. Afirmaram que, após as férias de julho, muitos alunos não retornavam. Espera-se que agora haja maior interesse, pois ao final do semestre estando um bloco já concluído, se o aluno tiver que parar, pode voltar normalmente no semestre seguinte, dando continuidade. Nesse sistema, possuindo também o professor maior número de aulas, torna-se mais fácil conhecer o aluno e seus problemas para melhor acompanhamento e intervenção.

Enquanto profissional da educação, ao analisar a atuação da escola pública em relação aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, metade dos respondentes entenderam que tais alunos são aprovados sem a resolução do problema desde as séries iniciais, mas que a escola precisa encontrar meios para resolver essa situação. Muitas vezes, a preocupação maior do professor está centrada no repasse de conteúdos do que com a aprendizagem propriamente dita. A outra metade colocou não existir para o ensino médio um programa que busca atacar as dificuldades de aprendizagem, apenas a recuperação de conteúdos; portanto, no ensino noturno fica mais difícil para o professor trabalhar com as dificuldades. Nota-se que a escola está buscando informações e procurando sanar essas dificuldades através da implantação de projetos, numa tentativa constante de acerto.

Analisando os questionários específicos de cada função, partindo do questionário dos professores, concluiu-se que:

Quanto aos alunos com elevado número de faltas e os já evadidos, afirmaram ser preciso descobrir as razões e buscar soluções, como ainda, conversar com esses alunos sobre o significado das faltas. Também, providências rápidas devem ser tomadas por parte da Equipe Pedagógica quanto ao retorno desses alunos.

Em relação às condições de aprendizagem, comparativamente aos alunos do diurno e à forma do trabalho docente, a maioria disse que os alunos do turno da noite apresentam condições bem diferentes de aprendizagem. Assim, a escola, por meio de seus profissionais, deve preparar-se de forma diferenciada para atender o aluno trabalhador, sendo preciso um “outro olhar” para com esses jovens. Cognitivamente, afirmaram possuir as mesmas condições, mas devido ao cansaço, é fundamental que os educadores saibam planejar, não no sentido de baratear o ensino, e sim, abordando o proposto por outro viés, com outros instrumentos. De acordo com Cortela (2006), a escola não tem como tarefa facilitar a aprovação, mas dificultar a reprovação inútil e inepta, que acontece normalmente por nossa responsabilidade, em virtude da forma de organização do nosso trabalho. Outra parcela entendeu a necessidade de maior flexibilidade nos horários, ensino simplificado e facilitado, pois tanto o aluno quanto o professor estão cansados, ambos tiveram intensa jornada de trabalho durante o dia e o rendimento já não é o mesmo. Concluiu-se, assim, que o ensino noturno deveria ser profissionalizante, com carga horária diária menor, distribuída em quatro anos. Uma minoria não respondeu ao questionamento.

Os Pedagogos apresentaram a seguinte visão: quanto às distorções na aprendizagem em virtude de metodologias e formas de avaliação utilizadas no dia a dia pelos professores, a maioria comentou acreditar ser a ação educativa um processo que envolve muitos aspectos, além do mencionado. Percebeu-se haver professores que “apenas ensinam” sem o compromisso de verificação do sucesso da aprendizagem, em razão de sua metodologia e forma de avaliação.

Em relação à importância da relação professor/aluno no processo ensino-aprendizagem, afirmaram ser essa relação um elemento facilitador ou o contrário. A empatia, por si só, não se torna veículo de aprendizagem, mas a sua falta pode interferir negativamente no processo.

Sobre as atitudes tomadas pela equipe pedagógica em relação aos alunos que apresentam grande número de faltas, relatou ser informada pelo professor-tutor (representante da turma) sobre os casos, chamando em seguida o aluno para uma conversa, buscando conscientizá-lo de suas faltas, lavrando ocorrência e notificando a família. Em relação aos alunos evadidos, colocou ser a família comunicada e chamada para conversar sobre o abandono escolar do filho e assinatura do termo de desistência no caso de aluno menor, como ainda, o envio da ficha FICA ao Conselho

Tutelar, se não houver retorno do aluno à escola. Quando maior de idade, o contato é realizado via telefone, se houver, recado por algum aluno de sala que o conheça para justificativa de sua ausência e assinatura do termo de desistência pelo próprio aluno, caso não retorne.

Em relação às ações coordenadas pela direção e equipe pedagógica, objetivando a redução da evasão, disseram haver um acompanhamento diário pelo professor-tutor da turma, que contata com a equipe pedagógica, a qual se comunica com a família. Afirmaram ainda a necessidade de uma conscientização contínua das responsabilidades de cada segmento escolar e de se estudar a “fundo” o ensino médio por bloco de disciplinas, visando à permanência do aluno na escola e à melhoria da qualidade da educação.

Em se tratando da realização de um trabalho conjunto com o Conselho Tutelar e/ou Promotoria de Justiça do município, afirmaram haver esse trabalho e que o aluno evadido “sem retorno”, no caso de alunos menores de idade, é comunicado ao Conselho Tutelar, para providências junto à família e, caso seja necessário, a Promotoria Pública também é comunicada.

Dessa forma, observa-se a responsabilidade do Conselho Tutelar e Promotoria de Justiça atrelada a alunos menores de idade. Quando maiores, tal responsabilidade fica a cargo da escola, da família e do próprio aluno. Assim, a busca pela permanência torna-se mais difícil. Nota-se que a atitude da família diante da Promotoria Pública é bem diferente, levando com maior seriedade o proposto por esta instituição.

A etapa seguinte foi a realização do Grupo de Trabalho em Rede (GTR). Nele foram apresentados para análise, discussão e apreciação, o Projeto de Intervenção Pedagógica, Evasão Escolar no Ensino Médio Noturno: um desafio para o pedagogo e o material didático produzido, Um estudo sobre a Evasão Escolar e o compromisso dos envolvidos no processo. Pôde-se perceber a partir das discussões e questionamentos propostos aos participantes, certa igualdade em relação ao problema da evasão. Afirmou-se que, sendo a evasão no ensino noturno um problema sério e complexo, deve ser combatido, havendo a necessidade de maior participação e envolvimento entre professores e alunos, uma vez que se trabalha nesse turno com um público diferenciado, formado por um alto índice de aluno trabalhador, apresentando características próprias. Sendo também necessária uma preocupação direcionada a professores com aptidões diferenciadas para se

trabalhar nesse turno. Relataram ainda a importância de uma atuação mais assídua e mais ágil do Conselho Tutelar, considerando a falta de um envolvimento efetivo desse órgão em relação à evasão, principalmente com o ensino noturno e o aluno maior de idade. Em muitas situações, o despreparo e o desconhecimento das reais funções de Presidente e Conselheiros Tutelares interferem no encaminhamento e solução de problemas. Segundo os participantes, uma escola realmente eficaz nasce do entrosamento entre direção, equipe pedagógica, professores, funcionários, alunos, pais e membros da comunidade. Então, estando a comunidade escolar e demais segmentos da sociedade envolvidos com os problemas da escola, muito poderão contribuir no combate a evasão, visto ser este um problema que reflete na sociedade. Afirmaram também, ser necessário um efetivo trabalho de conscientização de todos os segmentos, mencionando a dificuldade de se realizar tal tarefa. Finalizando, colocaram representar esse projeto na verdade, outro caminho a ser trilhado na busca de êxito no combate a evasão. As sugestões apresentadas no decorrer do GTR muito contribuíram para a implementação do projeto na escola. O material didático serviu de subsídio para o aprofundamento das discussões realizadas no âmbito escolar, principalmente em relação ao compromisso dos envolvidos no processo da evasão, visando à busca pela permanência do aluno na escola e seu sucesso.

À medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, com muita polêmica e reflexão, amadureceu a percepção de que o problema da evasão vai além da comunidade escolar, sendo um problema da sociedade, encetando a necessidade da busca de apoio em outros segmentos. Tomou-se, então, a iniciativa de envolvimento de outros setores da sociedade: Secretaria Municipal de Educação, Representante da Documentação Escolar – RDE, Conselho Tutelar, Promotoria de Justiça, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Presidente da Câmara de Vereadores, Prefeito Municipal, Presidente da Associação Comercial, Representante das Igrejas Evangélicas e Católica. Todos foram convidados a participar de reuniões para apresentação do projeto, análise e discussão dos dados relativos à evasão escolar do município e especialmente do colégio. Após várias discussões reflexivas, foi desenvolvido um plano de ação colaborativo, com o desafio maior de enfrentamento do problema da evasão no colégio, a partir do ano de 2011. As ações propostas serão desenvolvidas por meio de diálogo com as turmas, palestras, reuniões, filmes, teatro, seminários e cursos já programados,

envolvendo assuntos diversos, importantes para a sua formação e crescimento pessoal, tentando desenvolver um vínculo de maior compromisso mútuo com o alunado. Será trabalhado com uma variação de temas: Importância e necessidade dos Estudos; Doenças Sexualmente Transmissíveis; Gravidez e Métodos Contraceptivos; Drogas Lícitas e Ilícitas; A nova lei Anti-drogas; Formação Humana; Cidadania; A importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos; Economia Pessoal e Ética, buscando parcerias com as instituições de ensino superior do município e outras instituições. A responsabilidade geral pela condução e realização das atividades ficará a cargo da equipe pedagógica. Os profissionais envolvidos no desenvolvimento das atividades são capacitados e ligados diretamente à área. São médicos, advogados, atores, religiosos, professores, acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e pessoal do SESI, treinado pela Junior Achievement.

As várias propostas visam responder, ou atender aos problemas e expectativas levantados ao longo dos questionamentos. O plano envolve principalmente os alunos da primeira série, vistos serem esses os mais vulneráveis ao abandono da escola. Portanto, sendo os alunos os protagonistas deste trabalho, também serão ouvidos em momentos próprios para discussão de atividades que consideram importantes a serem desenvolvidas, como prêmio pela frequência e permanência.

4 Considerações Finais

Baseado nas pesquisas realizadas junto à comunidade escolar do ensino médio noturno do Colégio Estadual Cyríaco Russo – alunos evadidos, pais, professores, direção, equipe pedagógica e técnico-administrativa foi possível detectar as principais razões que levaram uma grande parte desses alunos à evasão escolar. Dentre as mais relevantes, “faltar muito às aulas” foi a de maior destaque, seguida pelo “cansaço”, “dificuldades em conciliar trabalho e estudo”, “gravidez”, “casamento”, “nascimento de filho” e “diversão”. Na maioria das vezes, é muito cansativo o tipo de trabalho que esses alunos realizam, com longas jornadas, assim, vêm para a escola trazendo consigo, além do cansaço, os problemas do dia a dia, dificilmente conseguindo administrá-los. A gravidez na adolescência, outro ponto culminante da pesquisa, foi causa do abandono escolar de várias alunas. Para elas,

diante da mudança significativa ocorrida em suas vidas, torna-se difícil a associação de tarefas de maternidade e escola, mesmo com o apoio da família. Em muitos casos, a falta de maturidade está presente, uma vez que engravidaram em fase e época impróprias, propiciando um conflito consigo mesmas.

Outra razão que merece análise é o abandono para diversão. À medida que "amigos", como declaram, deixam a escola e diante das notas baixas que possuem, evadem-se sem nenhuma explicação plausível. Deixam a escola da noite para o dia e, quando procurados para retorno, já possuem uma decisão: a de voltar no próximo ano com maior determinação e responsabilidade, para levar a sério os estudos. Dessa forma, evadem-se da escola uma vez, duas, três e até quatro vezes como evidenciado na pesquisa, ficando anos e anos nesse entra e sai, prorrogando o término do curso. E, muitas vezes não o concluindo.

Diante do quadro apresentado, corroborado pelos autores estudados, torna-se urgente repensar as propostas pedagógicas para os alunos do Ensino Médio Noturno, visando a soluções mais efetivas em relação aos que se evadem. Os alunos desse turno são os que mais necessitam da permanência na escola para melhoria de sua condição social e profissional, por isso, faz-se necessário que a escola, no seu coletivo, esteja disposta a buscar e inserir alternativas para que eles concluam essa etapa de ensino. A escola para todos deve ter como meta principal a igualdade entre seus alunos, independente de sua condição social, sexo, raça, religião ou turno de estudo. Através de um trabalho de resgate da autoestima, pelo incentivo e valorização desses jovens, por serem desde cedo, trabalhadores e estudantes e contribuir com o desenvolvimento do país, mesmo que de forma "explorados". Assim, o conhecimento, via educação formal, torna-se elemento indispensável para sua "emancipação", sendo preciso dar voz e vez a esses alunos, de entendê-los em suas dificuldades, angústias, medos e anseios. Havendo, ainda, a necessidade de um investimento maior por parte do Estado em relação à contratação de profissionais com funções específicas, como psicólogos e psicopedagogos para conduzi-los na superação de seus problemas.

Também, o ensino médio por bloco de disciplinas, implantado no colégio desde 2010 teve como objetivo a redução dos altos índices de evasão escolar no ensino médio noturno. Após um ano de sua implantação ainda não se pode afirmar que já tenha contribuído satisfatoriamente para essa redução. Sendo todo sistema um processo, há a necessidade de um tempo maior para afirmação de sua

interferência positiva ou não.

Ainda, através dos dados apresentados pela pesquisa e das discussões, análises e reflexões realizadas durante a fase de implementação do projeto na escola, conclui-se que somente pela participação efetiva da comunidade escolar, dos diversos segmentos da sociedade e dos governos será possível uma educação de qualidade a todos os jovens, pela sua permanência na escola e conclusão dessa etapa de ensino com sucesso.

Referências

ALAMINOS, Cláudia. Texto. **Evasão escolar na adolescência: necessidade ou ideologia?** Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – Programa de Pós-Graduação – Mestrado São Paulo – SP. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200001&script=sci_arttext – Acesso em 05 de fevereiro de 2011.

ARPINI, Dorian Mônica. **Violência e Exclusão: adolescência em grupos populares.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ARROYO, Miguel G. **Fracasso/Sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos.** In: Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 71, p. 33-40, jan. 2000. Disponível em http://www.inep.gov.br/download/cibec/2000/em_aberto/emaberto71.pdf – Acesso em 19 de março de 2011.

BONETI, Lindomar Wessler. (org.) **Educação, Exclusão e Cidadania.** Ijuí: Ed. Injuí, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988** - Presidência da República – Casa Civil. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em 10 de março de 2011.

CAPORALINI, Maria Bernadete S. C. **A transmissão do conhecimento e o ensino noturno.** Campinas, SP: Papirus, 1991.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria.** Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000. Reimpressão 2008.

CORTELA, Mario Sergio. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos.** 10. ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006.

COSTA, Doris Anita Freire. **Fracasso Escolar: diferença ou deficiência?** Porto Alegre: Kuarup, 1994.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2011.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade.** 4. ed. rev. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis.** 4. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

KUENZER, Acácia Zeneida. (org.). **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica: **Ensino Médio Inovador.** Abril de 2009 – Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/educadores/programaensinomedioinovador.pdf> - Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

PARANÁ. Secretaria Estadual de Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica.** Sociologia. 2008. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes_2009/out_2009/sociologia.pdf. Acesso em 26 de março de 2010.

PARO, Vitor Henrique. Texto: **Reprovação Escolar?** Não, obrigado. Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação. Disponível em <http://www.forumeducacao.hpg.ig.com.br/vamos/vamos.htm> - Acesso em 14 de março de 2011.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: T. A. Queiroz, reimpressão, 1996.

PORTELA, A. L.; MOURA, E.; BASTOS E. S. B. In: MARQUES, A. E. S.; BRANCHER, L. N.(orgs.). **Pela Justiça na Educação.** O Direito de Aprender Direito: Garantindo a Qualidade da Educação Escolar. FUNDESCOLA/MEC, Brasília, 2000. Disponível em http://www.foncaije.org/dwnld/ac_apoio/artigos.../pela_justica_educacao.pdf - Acesso em 15 de março de 2010.

Revista Nova Escola. **Prática Pedagógica.** Ideias que jogam contra o ensino. Quinze mitos sobre a Educação que devem ser derrubados. Editora Abril. Fundação Victor Civita, Ano XXVI, nº 240, março/2011.

ROCHA, Simone Mariano. Texto: **Compromisso com a Inclusão Escolar**. Disponível em http://www.mp.go.gov.br/ancb/documentos/Educacao/Textos_diversos/Compromisso%20com%20a%20Inclusão%20Escolar.doc. Acesso em 20 de março de 2010

SILVA, Maria do Pilar Lacerda Almeida e. **Prática Pedagógica**. Ideias que jogam contra o ensino. Criança pobre não aprende. In REVISTA NOVA ESCOLA. Editora Abril. Fundação Victor Civita, Ano XXVI, nº 240, março/2011

SOARES, Magda Becker. **Avaliação educacional e clientela escolar**. In PATTO, M.H.S.(org.). Introdução à Psicologia Escolar. São Paulo: T. A. Queiroz,1981, reimpressão 1983.

SCHARGEL, Franklin P. & SMINK. Jay. **Estratégias para auxiliar o problema de evasão escolar**. Tradução de Luiz Frazão Filho. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 2002.